

## — AS MOEDAS DE OURO —

Riba Silveira

Percorrendo a cavalo as extensas coxilhas gaúchas, em direção à Fazenda das Torres, propriedade do Coronel Bernardino Sant'Ana, do qual eu pretendia comprar uma tropa de mulas, apeei-me no boteco do velho Fagundes, a fim de pedir-lhe informações a respeito do caminho que deveria seguir.

Daí a instantes, entraram na venda dois cavaleiros vestidos tipicamente à gaúcha: usavam largas bombachas, chapéu grande, esporas e o inseparável pala creme de seda, que os protegia da poeira e do sol.

“Ó Fagundes, veja se este dinheiro é bom” — disse um dos recém-chegados, desatando um lenço que continha cerca de cincuenta moedas de ouro uruguaias, novinhas em folha. Recebi-o há pouco, desse tropeiro.

“Amigo, seu dinheiro parece que saiu hoje da Casa da Moeda...” — exclamou maliciosamente o bodegueiro.

“É verdade” — contestou o tropeiro — “esse dinheiro saiu há oito dias do Tesouro, em Montevideu. Vendi ao governador uruguaiu um lote de cavalos, recebendo em pagamento essas moedas.”

“Já pesei o dinheiro, e examinei-o com ácido, sem encontrar nenhum defeito nas onças” — acrescentou o fazendeiro.

O bodegueiro virava e revirava as moedas, murmurando: Hum... Hum... com ar enojado. Finalmente, colocou uma na fresta do balcão e, dando fortíssimo empurrão, dobrou-a ao meio.

“São falsas!” — exclamou triunfante.

“É mentira!” — protestou energicamente o tropeiro. Dê-me as tuas moedas, que eu farei o mesmo, dobrarei uma por uma!

“Não tenho dinheiro de ouro...” resmungou o negociante.

“Não fazemos negócio, não me serve esse dinheiro” — sentenciou o fazendeiro. Perguntei a Seu Jerônimo (assim se chamava o dono das moedas) se sabia o caminho que ia à Fazenda das Torres. O tropeiro disse-me que o acompanhasse, que ele ia pernoitar lá.”

Reunimos as nossas comitivas e demos ordens aos peões que se puzessem em marcha, enquanto ficávamos saboreando uma cerveja. Jerônimo lamentou o fracasso do negócio que havia entabulado, e me cientificou que resolvera ir a Corrientes, onde se compram animais bem mais barato. Depois, mudando de tom, informou-me que o Coronel Bernardino tinha duas filhas lindíssimas, chamadas Iracema e Dínorá. A última contava vinte e dois anos, e a segunda apenas dezenove e o cativava de um modo especial. Falou-me com entusiasmo dos encantos de Iracema, revelando suas intenções de “jogar uma lacaada”... Si apanhar a filha do Sant'Ana, terei realizado o melhor negócio de minha vida”, segredou. Iamos margeando um extenso bosque de eucaliptos, que nos protegia dos ardentes raios do sol. A pouca distância da estrada, à margem esquerda, verdejava um imenso horto de acácia negra, pertencente ao Coronel Mariano, abastado fazendeiro.

Ao cair da tarde, divisamos a aprazível estância das Torres, cuja sede ficava engolfada num extenso bosque, formado de essências de várias qualidades, desde a imbuia e o pinho até o eucalipto. Rente à casa frondejava um belo laranjal, do qual o dono exportava centenas de sacos de laranjas para Montevideu e Buenos Aires. A sede achava-se instalada num belo prédio assombrado, dotado de um terraço e de amplo jardim.

O Coronel Sant'Ana veio receber-nos ao portão, com a tradicional hospitalidade gaúcha, recolhendo-nos imediatamente ao avarandado que protegia sua encantadora residência. Entreguei-lhe a carta de apresentação que meu pai lhe enviara, e, tão logo que a leu, o fazendeiro exclamou arrebatado de alegria, abraçando-me novamente:

“Sê benvindo a esta casa, meu filho! Quero retribuir, embora tardivamente, a imensa dívida de gratidão que contrai para com teus estimados pais. Há oito anos, regressando a cavalo de Sorocaba, hospedei-me na Fazenda do senhor teu pai e lá estive retido mais de um mês, tratando-me da terrível varíola que me atacara. Graças ao infinito zelo de teus bondosos pais, pude recuperar a saúde, depois de ter-me visto às portas da morte.”

“Não fizeram mais do que o seu dever de cristãos”, atalhei, emocionado.

“Por favor, meu amigo, não digas tal coisa. Agora, faça de conta que estás na casa de teus pais, ou antes, na tua... To-

dos terão prazer em servir-te. E faço questão que permaneças aqui uma longa temporada. Quando partires, has-de levar um presentinho ao senhor teu pai”.

“Poderei saber qual é o presente?” — perguntou Jerônimo, indiscretamente.

“Pois não: — É aquele lote de reprodutores Jersel que estão vendendo ali na mangueira”.

“Um régio presente! Meia dúzia de touros!” — exclamou o tropeiro, admirado.

Nesse momento fomos conduzidos à sala de jantar e apresentados à família Sant'Ana. Fiquei encantado com a gentileza das filhas do Coronel, e não saberia escolher o ídolo de minhas homenagens, si de antemão o Jerônimo não me tivesse avisado a respeito das suas preferências... Dínorá tinha a cútis levemente morena, olhos negros e ardentes, o dorso escultural e a voz aveludada capaz de enlouquecer o mais exigente conquistador.

Terminado o jantar, encaminhamo-nos para a sala de visitas, dirigindo-se Iracema ao piano, onde executou alguns trechos de óperas e valsas em voga. Jerônimo escutava-a embevecido, dirigindo-lhe delicados galanteios. Dínorá sobreou um violão e conduziu-me a um canto da sala, onde ficamos palestrando em voz baixa, fingindo que estávamos afinando o instrumento. O serão se prolongou até às 23 horas, proporcionando momentos de inesquecível prazer.

No dia seguinte, Jerônimo ensaiou-se para prosseguir a viagem, mas foi contido pela amabilidade do fazendeiro, alegando que ia ter necessidade do seu auxílio para os trabalhos pastoris, na marcação e castração do gado. Depois do almoço, Bernardino convidou-nos para irmos dar uma “volteada” nas invernadas, em companhia de suas filhas, que cavalgavam admiravelmente. Foi um magnífico passeio.

Durante um mês o fazendeiro nos entreteve em sua estância com trabalhos leves e divertidos, nos quais as moças tomavam parte. Enquanto isso nossas tropilhas engordavam rapidamente, graças à excelência daquelas pastagens. Nesse intermínimo, Jerônimo contratou casamento

com Iracema, prodigalizando muita satisfação à família do fazendeiro, que nos ofereceu uma grande festa em sinal de regozijo.

Por uma fatalidade do destino, não me animei a imitar o gesto elegante de meu companheiro, embora estivesse encantado pela beleza de Dínorá. Certo dia em que andávamos a sós pelo campo, Bernardino perguntou-me quais eram minhas intenções para com sua filha. Desculpei-me dizendo que ainda me julgava muito novo e pobre para casar-me...

O fazendeiro respondeu que me daria em sociedade uma excelente estância que possuia em Corrientes, donde emigraria há cerca de dez anos, povoada com duas mil cabeças de gado. Diante de tão sedutores argumentos, contratei o noivado com Dínorá, ficando estipulado o prazo de seis meses para a realização do casamento.

Terminado o dia eu e Jerônimo acordamos de nossos devaneios, e deliberamos ir comprar a tropa em Corrientes, pois o dinheiro estava embolado em nossas cartucheiras. Enquanto esperávamos o almoço, os peões do Coronel Bernardino recolheram às mangueiras cerca de mil mulas, cuja existência naquelas redondezas — nós ignorávamos.

“A tropa que vocês pretendem comprar, já está aí na mangueira; vocês escolham e façam o preço” — disse Bernardino, com a maior naturalidade.

Ficamos apalermados com aquele milagre... que nos poupara muito trabalho. Bernardino tinha mandado vir de Corrientes aquela tropa, e conservou-a secretamente nas imediações de sua propriedade, a fim de dar-nos uma agradável surpresa. O Coronel relutou em aceitar o preço razoável que pretendíamos pagar pelas bestas, pois já nos considerava como filhos, não querendo ganhar nada à nossa custa. Contentou-se com o custo real da tropa, na Argentina.

Repartimos a tropa ao meio, e marchamos para “cima da serra” com destino ao Paraná. Em viagem, perguntei a Jerônimo o segredo de suas moedas de ouro.

“Nunca estive em Montevideu, nem fiz negócio com o governo Uruguai” — respondeu o tropeiro. “Recebi aquelas ‘onças’ de um dentista, morador em Bagé, num negócio de animais. Foram pesadas num balanço viciado. Pouco depois verifiquei que não tinham peso legal. Dirigi-me a um ourives, pedindo que me desse um jeito nas moedas. O joalheiro limou-as e verificou que cada uma tinha três ou quatro cunhas ou cravinhos embutidos, no lugar do ouro que se lhes furtara. O artífice arrancou essas cunhas e encheu-as com ouro derretido. As moedas perfeitas sob todos os pontos de vista, porém brandas... Depois daquela encrência na bodega do Fagundes, mergulhei as onças numa lata cheia de carvão em pó, a fim de amortecer o seu brilho comprometedor. Troquei-as em Livramento, sem a menor dificuldade.”

Chegando à Cruz Alta, Jerônimo vendeu sua tropa e regressou à Fronteira a fim de casar-se com Iracema, cujas bôdas se realizaram com grande pompa.

Continuei o meu itinerário, e, chegando a Ponta Grossa, telegrafiei ao Coronel Bernardino avisando-o de que não podia casar-me com sua filha, por “motivo de doença”. E a minha “doença” era do coração...

Renunciei à riqueza, e talvez à felicidade! Mas... ninguém pode torcer o destino... OOO